

DOS TRANSMUNDANOS E O ELOGIO DA TERRA¹

Diego Vinícius Brito dos Santos²

RESUMO: O objetivo deste escrito é o de evidenciar a concepção postulada por Nietzsche acerca "Dos transmudanos". Também é o de trazer para uma reflexão filosófica o teor de importância que emana do ensinamento do Zarathustra acerca do "super-homem" como sentido de Terra. Assim, também, o artigo traz a concepção de super-homem como uma superação da noção dos transmudanos.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Dos transmudanos. Terra.

ON THE AFTERWORLDLY³ AND THE PRAISE OF THE EARTH

ABSTRACT: The purpose of this paper is to highlight the conception postulated by Nietzsche about "On the Afterworldly". It is also to bring to philosophical reflection the content of importance emanating from Zarathustra's teaching about "superman" as a sense of the Earth. Thus, too, the article brings the conception of superman as an overcoming of the notion of the afterworldly.

KEYWORDS: Nietzsche. On the Afterworldly. Earth.

¹ Abreviações utilizadas: ZA – *Assim Falou Zarathustra / Thus Spoke Zarathustra*

EC – *Ecce Home*

CI – *Crepúsculo dos Ídolos*

GM – *Genealogia da Moral*

GC – *A Gaia Ciência*

ABM – *Para Além do Bem e do Mal*

FF – *Fragmentos Finais*

Pr – *Prólogo*

² Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia (PPGFIL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: diego_svt@hotmail.com.br

³ Optou-se por uso "On the Afterworldly" em conformidade com a tradução de Walter Kaufmann. (In: ZA, I, *On the Afterworldly*, 1978).

INTRODUÇÃO

Este escrito almeja evidenciar a concepção postulada por Nietzsche sobre “Dos transmundanos”, e fazer as devidas apreciações filosóficas acerca de sua obra *Assim Falou Zaratustra*⁴, com vistas em evidenciar, ainda, a concepção antagônica à Dos transmundanos: o super-homem.

Farar-se-á, pois, uma apreciação descritiva sobre o projeto Zaratustra, com vistas em compreender o super-homem enquanto sentido da Terra – concepção postulada, sobretudo, no item 3 do *Prólogo* do *Assim Falou Zaratustra*.

Por fim, o foco deste escrito está direcionado na análise acerca Dos transmundanos. Esta concepção encontra-se localizada na primeira parte da obra do *Assim Falou Zaratustra*. Ainda sobre esta parte do Zaratustra, o estudo focara na visão do sentido de Terra, pois uma vez obtido a concepção Dos transmundanos, espera-se evidenciar a importância contida na relação homem-vida-Terra.

A caracterização do Zaratustra de Nietzsche

Para dar-se-á apreciação sobre a concepção Dos transmundanos⁵ é preciso, igualmente, oferecer a devida apreciação literária e filosófica ao *Assim Falou Zaratustra* (*Also Sprach Zarathustra*⁶) do filósofo Nietzsche. A obra em si foi escrita em quatro partes. Seu desenvolvimento e percurso gramatical foi detalhado em minuciosos comentários elaborados pelo próprio Nietzsche no *Ecce Homo*⁷ (*Ecce Homo: Wie man wird, was man ist*).

⁴ Para a realização do presente escrito utilizar-se-á o livro *Thus Spoke Zarathustra* (1978) traduzido para o inglês por Walter Kaufmann e a tradução de Mario da Silva (1986) traduzido para o português. Para diferenciar a tradução de Walter Kaufmann da tradução de Mario da Silva usara-se a sigla corresponde a obra (ZA) e o ano. Assim, enquanto “ZA. 1978” com o ano de publicação corresponde a tradução de Walter Kaufmann, “ZA” sem o ano de publicação corresponde a tradução de Mario da Silva.

⁵ A tradução em português “Dos trasmundanos” será a tradução acolhida no desenvolvimento do texto, salvo em transcrições textuais, onde é possível se apresentar outra tradução diferente da citada. Para este caso, em específico, transcrevera-se o texto em conformidade com o original, respeitando a grafia e a formatação do original. A tradução acolhida aqui é proposta por Mario da Silva (In: ZA, I, *Dos transmundanos*).

⁶ Para as obras de Nietzsche: ao citar no corpo do texto a tradução em português dos títulos das obras, sempre, na primeira utilização do título da obra, será apresentado a grafia do título em sua formatação original, assim, como consta na *Digitale Kritische Gesamtausgabe*, edição digital das obras completas de Nietzsche, concebida a partir da edição crítica preparada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari: In: *Nietzsche Werke. Kritische Gesamtausgabe*, Berlin/New York, de Gruyter, 1967-.

⁷ Quanto ao *Ecce Homo*, acolhera-se a tradução feita por Paulo César de Souza (2008) realizando comparações textuais com a tradução de Duncan Large (2007).

O *Assim Falou Zaratustra* demanda tremenda importância para Nietzsche, o que acabou levando-o a dedicar um dos parágrafos do *Prólogo* do *Ecce Homo* para realizar uma espécie de elogio, com vistas em firmar a importância de sua obra, e, sobretudo, do personagem Zaratustra.

Nietzsche descreve sua obra como sendo um “presente à humanidade” ao colocar que: “Entre minhas obras ocupa o meu Zaratustra um lugar à parte. Com ele fiz à humanidade o maior presente que até agora lhe foi feito” (EH, Pr 4). Mesmo que a redação da *Ecce Homo* contemple, na terceira parte, comentários sobre alguns dos demais escritos do autor, a expressividade e o destaque ofertado por Nietzsche ao seu *Assim Falou Zaratustra*, principalmente no *Prólogo*, é notavelmente uma forma de o filósofo assegurar, com maior vigor, a importância intelectual de seu escrito.

Essa pretensão de Nietzsche, em assegurar a importância intelectual do *Assim Falou Zaratustra*, é percebido na seguinte caracterização posta no *Prólogo* do *Ecce Homo*:

Esse livro, com uma voz de atravessar milênios, é não apenas um livro mais elevado que existe, autêntico livro do ar das alturas -o inteiro fato homem acha-se a uma imensa distância *abaixo* dele -, é também o mais profundo, o nascido da mais oculta riqueza da verdade, poço inesgotável onde baldo nenhum desce sem que volte repleto de ouro e bondade. (EH, Pr 4)⁸.

É, sobretudo, nesta passagem onde Nietzsche retrata a importância de sua obra, mostrando-a como um poço de inesgotável conhecimento. Contudo, a partir desta visão da obra, é possível que existam aqueles que possam ver nela alguma espécie de mensagem profética, e coisas do gênero. Nietzsche percebe esta questão, e, é, por essa razão, para que não haja um desvirtuamento de sua obra, que ele se esforça em realizar um detalhadamente e uma caracterização dela. Além da obra em si, ele também tece uma visão própria do personagem da obra, daquele que fala e ensina: do Zaratustra. Escreve ele:

Aqui não fala nenhum “profeta”, nenhum daqueles horrendos híbridos de doença e vontade de poder chamados fundadores de religiões. É preciso antes de tudo *ouvir* corretamente o som que sai desta boca, este som alciônico, para não se fazer deplorável injustiça ao sentido da sabedoria. (EH, Pr 4).

Assim, ao caracterizar o Zaratustra, Nietzsche deixa escrito a sua preocupação que consiste em uma possível tentativa de se oferecer o caráter de profeta à Zaratustra e a seus ensinamentos. Contudo, Zaratustra é sábio de mais, ele não pode ser confundido como profeta, ou com os fundadores de religiões.

⁸ Todos os grifos nas citações dos textos de Nietzsche constam da redação original.

Tendo realizado essa apreciação inicial do Zaratustra, torna-se necessário, agora, realizar uma apreciação do interior do *Assim Falou Zaratustra*, onde, ao se lançar o balde (no poço inesgotável) espera-se puxar alguns dos mais importantes ensinamentos do Zaratustra.

Nietzsche relata aquilo que norteia o *Assim Falou Zaratustra*: “A concepção fundamental da obra - o *pensamento do eterno retorno*, a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar” (EH, ZA, 1). No entanto, para chegar-se nesta concepção, o leitor, primeiramente, deverá acompanhar o caminho e o “declínio” de Zaratustra, perpassando, assim, outras concepções filosóficas até chegar ao “pensamento do eterno retorno”⁹.

A concepção filosófica de Terra no Zaratustra

Para iniciar a busca pela concepção acerca Dos transmundanos, é válido apresentar uma última apreciação descritiva sobre o personagem Zaratustra. És a descrição: “Zaratustra é um dançarino –: como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade” (EH, ZA, 6). Essa caracterização é importante, uma vez que ela proporciona o entendimento de que Zaratustra é um ser completamente antagônico aos transmundanos.

Ao lançar-se nas profundezas textual do Zaratustra, a primeira concepção, trazida no balde, é a concepção de “super-homem”¹⁰, é através desta concepção que se pretende inaugurar a busca pela concepção Dos transmundanos.

É evidenciado, bem no início do item 3 do *Prólogo* do *Assim Falou Zaratustra* que: “O super-homem é o sentido da terra. Fazei vossa vontade dizer: ‘que o super-homem seja o sentido da terra!’” (ZA, Pr 3). Este sentido de “Terra” atribuído por Zaratustra ao “super-homem” é entendido aqui como o sentido de vida terrena, a vida dos homens. Assim, é cabido a afirmação de que esse sentido de Terra é outro antagonismo a concepção de além-mundo, do mundo suprasensível, ou quaisquer ideais de mundo que fujam da noção de vida mundana.

⁹ Na tradução de Duncan Large (2007) aparece a seguinte expressão “thought of eternal recurrence” traduzido como “pensamento da eterna recorrência”. Contudo, adotara-se a expressão de Paulo César de Souza (2008) onde a tradução é: pensamento do eterno retorno, salvo em transcrições. (Cf. EH, ZA, 1, 2007).

¹⁰ O termo alemão “*Übermensch*”, no meio acadêmico, apresenta duas ilustres traduções, são elas: super-homem e além-do-homem. A tradução “além-do-homem” é preferida, dentre outros, por Rubens Rodrigues Torres filho (In: *Obras Incompletas*. 1983, nota 1, p. 228); por Scarlett Marton (1984, p. 70); e por Oswaldo Giacoia (2000, p 11). Contudo, mesmo que ambas as traduções tragam com si a ideia de superação e de elevação do homem, usara-se aqui a tradução “super-homem”.

O aspecto do discurso, usado pelo Zaratustra, expressa a definição de Terra a qual tange uma visão de valorização da vida, do “Sim”¹¹ à vida, e na importância da aliança que o homem deve firmar com sua própria vida, e, além desta, com a realidade do mundo, a qual o homem se liga.

Conseqüentemente, a partir desta concepção, não é admissível atribuir um ideal metafísico como sentido e fundamento da vida, estabelecido na noção de um além-mundo, e, conseqüentemente, desvinculado da vida, pois o sentido de vida só pode ser demonstrado na realidade, no mundo terreno.

Desta forma, haja vista a importância emanada da noção de Terra, o Zaratustra roga aos homens: “*permanecei fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças ultraterrenas!*” (ZA, Pr 3). É neste ponto onde Zaratustra tece seu alerta sobre os que discursam acerca de esperanças ultraterrenas; os moribundos e desprezadores da vida, aqueles que cortejam e oferecem “mais valor às entranhas do imperscrutável do que ao sentido da terra!” (ZA, Pr 3). Esses transmudanos da existência tornam-se aqueles que não reconhecem a concepção de vida enquanto fenômeno da experimentação humana, e se detêm a buscar e constituir ideias que se encontram alicerçadas distantes, para além da noção de vida, chegando ao estabelecimento das “verdades absolutas e imutáveis” as quais, pretensiosamente, determinam uma (pseudo) verdade e uma (pseudo) realidade de vida, de maneira acabada, o que acaba por estabelecer uma negação da experimentação humana.

Uma noção antítese a concepção de Terra

No presente momento, torna-se necessário explicitar aquilo que Nietzsche concebe por “moral dos fortes” (moral afirmativa da vida) e a “moral dos fracos” (moral negadora da vida), relacionando-os, ainda, aos ensinamentos antítese a vida gerados por doutrinações e instituições que atuam no modo de agir e pensar do homem, sobretudo, pelo cristianismo, o qual desenvolveu a mais odiosa negação de vida.

¹¹ Um leitor de primeira viagem que preiteia uma apreciação literária e corriqueira do conjunto de obras de Nietzsche, certamente, em algum momento irá deparar-se com as expressões: Não e Sim. Embora, aparentemente, essas expressões, em uma leitura inicial, não demonstrem ou não emanem qualquer importância ou preocupação filosófica, elas expressam, por sua vez, exatamente a noção da concepção que esse artigo preiteia evidenciar, e, além disto, também se dirigem a outra concepção, ensinada, sobretudo, no *Assim Falou Zaratustra*, o pensamento do eterno retorno. Analisara-se, no decorrer do presente artigo, ambas expressões. Contudo, inicialmente, é importante ofertar uma trivial noção destas, para guiar tanto a análise quanto a leitura feita posteriormente. Ao colocar-se ou usar-se a expressão Não, sempre será designado uma intenção literária de negação e inibição, paradoxalmente a essa intenção, o Sim, será usado como um antagonismo (literário ou filosófico), designando, assim, uma afirmação, acrescentando, ainda, em certos casos, do valor de afirmação e valorização.

Para Nietzsche, por mais de dois séculos, o cristianismo ofereceu uma moral-metafísica, onde, valendo-se da noção de negação, a religião acabou por “adoentar”¹² o homem. Nietzsche relata que: “Onde quer que a neurose religiosa tenha aparecido na terra, nós a encontramos ligada a três prescrições dietéticas perigosas: solidão, jejum e abstinência sexual” (ABM, 47). Desta forma, percebe-se que o cristianismo tornou o homem doente, a partir de coibição de seus impulsos e de suas paixões.

A religião a partir de sua disciplina “pôs a ênfase na erradicação (da sensualidade, do orgulho, da avidez do domínio, da cupidez, da ânsia de vingança)” (CI, V, § 1). O que leva Nietzsche a afirmar que “atacar as paixões pela raiz significa a atacar a vida pela raiz: a prática da igreja é *hostil a vida...*” (CI, V, § 1).

A partir de sua análise acerca da moralidade, Nietzsche chega a “procedência”¹³ do adoecimento moral do homem, aludindo que o antagonismo da moral sadia, a moral de fracos, entrou em uma espécie de guerrilha contra aquele tipo de moralidade à qual não pode se igualar, assim como afirma Nietzsche em um *fragmento final*, onde:

Tendência da evolução moral. Cada um deseja que nenhuma outra doutrina e apreciação das coisas venha a se impor que não seja aquela em que ele próprio se dá bem. *Portanto, tendência básica de os fracos e medianos de todas as épocas tornarem mais fracos os mais fortes, puxando-os para baixo: principal meio, o juízo moral,* sendo estigmatizada a atitude do mais forte em relação aos mais fracos: os condicionamentos superiores dos mais vigorosos recebem epítetos maldosos. (FF, 2(168), p. 108).

Nietzsche percebe que na moral dos fracos reside o “ressentimento e a má consciência”¹⁴, dois estados decadentes, derivados a partir da coibição posta pelo ideal acético. Esse homem do ressentimento e de moral fraca pretende “transformar em força a própria fraqueza. Transmuta-a em virtude, pretendendo ser deliberadamente fraco e atribuindo o mérito da renúncia, da paciência, da resignação” (MARTON, Scarlett. 1993, p. 55). Assim, a partir da negação, ou como coloca Nietzsche, do Não à vida, as pulsões, aos desejos e ao mundo terreno, este homem do

¹² A questão sobre o adoecimento do homem moderno, encontra-se, diretamente, relacionado a decadência da moral. A expressão “doença” [*Krankheit*] foi utilizada 318 vezes nas unidades textuais de Nietzsche, por essas razões, ofertara-se certa atenção e apreciação filosófica a respeito desta questão.

¹³ A expressão “procedência” (*Herkunft*) é utilizado neste ponto, para denotar a finalidade do método genealógico empregado por Nietzsche. Recusou-se empregar o termo “origem” (*Ursprung*), considerando as indicações de Michel Foucault, onde, o referido retrata que “termos como *Entstehung* ou *Herkunft* marcam melhor do que *Ursprung* o objeto próprio da genealogia”. (FOUCAULT, Michel. 2008, p. 20, grifos do autor),

¹⁴ Sobre estes dois conceitos, o presente trabalho não pretende se estender tanto, ao fazer uma análise profunda e detalhada sobre eles, desta forma, em respeito ao conhecedor (o leitor), sugere-se a leitura e apreciação da Segunda Dissertação da *Genealogia da Moral*, onde Nietzsche trabalha as questões de “Culpa”, “Má consciência” e coisas afins.

ressentimento “cria”¹⁵ os (pseudos) ideais de mundo, tais como, um “mundo-verdadeiro” ou um céu – figuras de uma recompensa final em troca da renúncia. E, no auge do absurdo, crê-se nas ideias de Deus, alma e verdade. É diante da criação destes ideais que Nietzsche afirma que “em suma, os ideais até agora vigentes, todos ideais hostis à vida, difamadores do mundo, devem ser irmanados à má consciência” (GC, 382).

É notório que os ideais e a moral criados no solo religioso, e, ainda, com o hediondo aroma da metafísica platônica, difamaram, negaram e proporcionaram a decadência dos instintos mais humanos, o que levou Nietzsche a relatar que:

‘O que ocorre exatamente, você está erguendo ou demolindo um ideal?’, talvez me perguntem... Mas nunca se perguntaram realmente a si mesmos quanto custou nesse mundo a construção de cada ideal? Quanta realidade teve de ser denegrida e negada, quanta mentira teve de ser santificada, quanta consciência transtornada, quanto ‘Deus’ sacrificado? Para se erigir um santuário, *é preciso antes destruir um santuário*: esta é a lei. (GM, II, 24).

Assim, a partir dessa passagem Nietzsche evidencia, nitidamente, o seu empenho humano em derrubar esses ideais. Contudo, cabe-se questionar qual as possíveis consequências que podem decorrer da ausência dos ideais que presidiram por mais de dois milênios a história da humanidade. O que Nietzsche pretende (re)alocar no lugar dos fúnebres ideais? Uma provável hipótese encontra-se na sequência da referida passagem, onde Nietzsche, a partir de uma “visão extemporânea”, alude que algum dia virá uma espécie de “homem futuro”, onde:

Esse homem futuro, que nos salvará não só do ideal vigente, como daquilo que dele *forçosamente nasceria*, do grande nojo, da vontade do nada, do niilismo, esse toque de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna novamente livre a vontade, que devolver à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristão e antiutilista, esse vencedor de Deus e do nada – *ele tem que vim dia...* (GM, II, 24.).

Embora Nietzsche esteja, metaforicamente, realizando uma espécie de profecia, é notório que suas palavras vão de encontro com a concepção de super-homem, retratado, principalmente, na obra *Assim Falou Zaratustra*. Desta forma, confirma-se que o homem futuro é uma espécie de analogia ou uma pré-apresentação do super-homem, uma vez que, na sequência deste aforismo, Nietzsche alude que:

– Mais que estou a dizer? Basta! Basta! Neste ponto não devo senão calar: caso contrário estaria me arrogando o que somente a um mais jovem se consente, a um ‘mais futuro’, uma mais forte do que eu- o que tão-só a Zaratustra se consente, *Zaratustra, o ateu...* (GM, II, 24.).

¹⁵ É importante frisar que os homens do ressentimento “não criam propriamente valores; limitam-se a inverter os que foram postos pelos nobres” (MARTON, Scarlett. 1993, p. 55).

Assim, o super-homem é um possível “produto da criação de novos valores” (MACHADO, Roberto. 2011, p. 55). A partir do declínio da moral de escravos e da queda dos “Ídolos”¹⁶, a concepção de super-homem tomaria o lugar de destaque na vida do homem, possibilitando a retomada da afirmação da vida, da valorização da Terra e na busca pela vontade de potência, assim como apontado, anteriormente, nas falas do Zaratustra.

Zaratustra e os transmundanos

Neste ponto, a concepção do que Nietzsche compreende e designa por transmundanos já começa a ser desvelada, contudo, para torna-la ainda mais clara, é fundamental realizar uma apreciação literária e filosófica do item titulado “Dos transmundanos” na primeira parte do *Assim Falou Zaratustra*.

Zaratustra adentra esse item retratando um sonho que tivera em outrora, onde se figurava a visão de um (outro) mundo, um mundo imperfeito; Sobre esse mundo fala Zaratustra: “eternamente imperfeito, imagem, também imperfeita, de uma eterna contradição – inebriante prazer de seu imperfeito Criador” (ZA, I, *Dos transmundanos*). Zaratustra, em seu sonho sobre o (outro) mundo, realiza aquilo que fazem os transmundanos, ao projetar uma imagem antagônica e surreal do mundo aparente. Contudo, ao perceber isso, – ao fazer comparação com outro tempo, onde projetava ilusões para além do homem –, Zaratustra logo descobre que suas ilusões não passavam de “obra humana e humana loucura” (ZA, I, *Dos transmundanos*).

Essa projeção de ilusão, aludida pelo Zaratustra, e, denunciada por Nietzsche, assemelha-se ao processo de conservação de indivíduo através da razão ou do estabelecimento de verdades universais. O mundo-verdadeiro nada mais é do que uma crença necessária para a conservação da felicidade dos homens pequenos, destes transmudamos que gritam Não à Terra. No entanto, fala Zaratustra, “aquele mundo’ acha-se bem oculto dos homens, aquele mundo desumanado e inumano, que é um celestial nada; e o ventre do ser não fala absolutamente ao homem, a não ser como homem” (ZA, I, *Dos transmundanos*). Aqui Zaratustra retoma sua ideia posta no início do item, constatando que esse outro mundo, não pode ser descoberto, ele oculta-se por não passar de uma ilusão.

A ilusão transformada em verdade é ocultada ao homem, pois:

Não temos nenhum órgão para *conhecer*, para a ‘verdade’: nós ‘sabemos’ (ou cremos, ou imaginamos) exatamente tanto quanto poder ser *útil* ao interesse da grege humana, da

¹⁶ Nietzsche, em *Ecce Homo*, oferece uma definição do que seja os “ídolos”. Expõe ele: “o que no título se chama *ídolo* é simplesmente o que até agora se denominou verdade. *Crepúsculo dos Ídolos* – leia-se: adeus à velha verdade...” (EH, CI, 1).

espécie: e mesmo o que aqui se chama 'utilidade' é, afinal, apenas uma crença, uma imaginação e, talvez, precisamente a fatídica estupidez da qual um dia pareceremos. (GC, 354).

Nietzsche, assim mostra que a ilusão – ou crença – mesmo sendo posta pelo fator de necessidade, oculta-se ao homem por este não possuir órgãos para conhecer abstrações de verdade derivadas de loucura humana. Assim, Zaratustra fala: "ensino aos homens: não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestes, mas, sim, trazê-la erguida e livre, uma cabeça terrena que cria o sentido de terra!" (ZA, I, *Dos transmudanos*). Assim, o homem deve perceber que não há verdades absolutas, e que as ideias postas, só serviram para denegrir a realidade e negar a vida. Para o Zaratustra, o homem deve se tornar o super-homem, este tipo de homem que é artista, dono de si, um ser criador e ao mesmo tempo destruidor de ídolos, capaz de suportar o eterno retorno e afirmar a vida em sua totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção *Dos transmudanos* perpassa vários dos mais importantes pontos conceituais da filosofia de Nietzsche. Sua concepção permitiu o leitor compreender a tarefa e empenho filosófico que emana dos escritos de Nietzsche.

Ao fim deste escrito, compreende-se que Nietzsche utilizou seu Zaratustra para desenvolver o potencial pleno de suas propensões filosóficas, sobretudo, no que concerne a sua crítica aos transmudanos que desprezam a noção de Terra e proporcionam um Não categórico ao mundo aparente.

Nietzsche, sobre a máscara do Zaratustra, consegue desenvolver uma espécie de elogio à Terra, proporcionando uma transformação antagônica do pensamento que guiou o homem ao desprezo da Terra, e na criação de ilusões imanadas da loucura humana. Entende-se que ao combater a noção de mundo-verdade ou qualquer ideia que ponha em xeque a validação do mundo aparente, o filósofo desenvolve um ensinamento que comina na restauração na aliança sistemática entre homem e mundo.

Os transmudanos são todos aqueles que afiguram e prologam no mundo a decadência niilista, uma vez que, negar o sentido mundano e inverter valores nobres configuram-se meios de fugir da dureza que há na vida. Contudo, Nietzsche vê neste tipo de pensamento inquietudes filosóficas, haja vista sua visão extemporânea acerca do homem. Para Nietzsche, o homem é algo

que deve ser superado, na medida em que este homem, como foi em outrora, não consegue mais suportar o fardo existencial, transformando sua vontade de vida em decadência doentia.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: _____. *Microfísica do poder*. 25 ed. Tradução, organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Graal, 2008. p. 15-37.

GIACOIA, Oswaldo. *Nietzsche*. São Paulo: Publifolha, 2000.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Editora Moderna, 1993. (Coleção logos).

_____. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos: ou como se filosofar com o martelo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Digitale Kritische Gesamtausgabe*. Edição digital das obras completas de Nietzsche (concebida a partir da edição crítica preparada por Giorgio Colli eazzino Montinari: *Nietzsche Werke. Kritische Gesamtausgabe*, Berlin/New York, de Gruyter, 1967-). EditorGeral: Paolo D'Iorio. Disponível em: <<http://www.nietzschesource.org/texts/eKGWB>> (*website* gerenciada pela *Association HyperNietzsche* e hospedada pela *École normale supérieure*, Paris).

_____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *Ecce Homo: How To Become What You Are*. Translated with an Introduction and Notes by Duncan Large. New York: Oxford University Press Inc. 2007.

_____. *Fragmentos Finais* (compilação de fragmentos póstumos). Seleção, tradução e prefácio de Flávio R. Kothe. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

_____. *Genealogia da moral: uma polemica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Obras Incompletas*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção os pensadores).

_____. *Thus Spoke Zarathustra: a book for all and none*. Translated and with a Introduction Preface by Walter Kaufmann. New Zealand: Penguin Books Ltd. 1978.